



# **VOTAR pela CONTINUIDADE DA GREVE, que não esgotou todas as formas de luta!**

**Reerguer o movimento, que está sob ataque da reitoria/governo, das diretorias e das direções estudantis, essas que se subordinaram aos limites impostos pela burocracia universitária!**

**Mudar imediatamente a mesa da assembleia de greve, que não pode continuar a ser conduzida pelos inimigos da greve (direções do DCE e dos CAs que traíram as reivindicações e a greve – Juntos, Rua e Afronte (PSOL), Correnteza (UP), UJC (PCB) e Rebeldia (PSTU)!**

A greve estudantil se manteve, porque uma boa parte da assembleia, desvinculada dos partidos e organizações que traíram o movimento, percebeu que o movimento não esgotou sua capacidade de radicalizar o enfrentamento com a reitoria/governo, para conquistar as reivindicações aprovadas pelas assembleias, e não aquelas inventadas pelo comando de greve e comissão de negociação, que se enquadram naquilo que a reitoria/governo determinam como peças orçamentárias. Não se utilizaram todos os métodos e ações capazes de impor à reitoria/governo as reivindicações necessárias. As direções estudantis do DCE e vários CAs, ao invés de convocarem os estudantes para a luta nas ruas contra a reitoria e o governo, restringiram a greve a um protesto passivo – em que não se enfrenta a burocracia universitária com a força da mobilização –, deformaram os métodos de luta – ao restringirem as atividades de greve ao culturalismo e academicismo, que levaram os estudantes para casa, para a greve de pijama –, e anularam a força coletiva concentrando-a na USP – com seus atos festivos, com oficinas e aulas públicas –, e traindo as assembleias, ao ignorarem os principais pontos da pauta aprovada como condicionantes para negociar com a reitoria, e caindo assim, em contradições obtusas, tais como ter café da manhã aos sábados em unidades, mas sem ter os funcionários para fazê-lo.

A tarefa colocada por uma greve tão forte, tão unitária ao redor das reivindicações centrais, exigiu que as direções a transformassem em um verdadeiro campo de batalha contra a reitoria e governo. Mas, já desde antes da greve, o DCE e CAs fizeram vários atos em frente à

reitoria, e eles foram bem menores que os da greve. Antes da greve, fizeram reuniões com a reitoria, e não saiu literalmente nada dessas reuniões. Aprovada a greve contra sua vontade, fizeram de tudo para que o movimento não os ultrapassasse. E agiu nas negociações de forma subordinada ao calendário e conteúdo imposto pela reitoria. Essas direções, ao se subordinarem às imposições orçamentárias ditadas pela burocracia, já foram derrotadas politicamente dentro dessas reuniões. Agora, se voltam a trabalhar como nunca fizeram em favor da greve, mas contra a mobilização. São escudeiros fiéis da reitoria, do governo e das diretorias das unidades em favor da volta às aulas, que hoje só pode acontecer com a derrota das reivindicações – o plano da reitoria está integralmente preservado; com a contratação favorável às unidades consideradas “mais produtivas”, e não aquelas que mais precisam de professores, agravando o abismo entre elas; e sob a promessa de repressão, de processos, sobre os estudantes que derrubaram as grades da prainha, e todos aqueles que os diretores das unidades pretendem processar. A assinatura daquelas direções traidoras nesse acordo é uma confissão de que estão em lado oposto ao dos estudantes, e devem ser removidos da direção.

Sua proposta de “transição da greve para o estado de mobilização permanente”, e a “mudança de tática”, defendida no manifesto antigreve assinado pelo DCE e CAs antes de qualquer decisão da assembleia, no dia 17/10 prova que quiseram acabar com a greve antes mesmo das assembleias gerais. Como não conseguiram no dia 19, voltaram-se a desintegrar a greve a partir de votações nas assembleias de curso esvaziadas pela política de greve deformada pelas direções e negociação subordinada à reitoria/governo.

A reitoria encerrou as negociações, porque confiou na derrota política que impôs às direções estudantis. Se a reitoria determina a migalha que oferece, e garante a continuidade da repressão aos estudantes, é só porque contou com a traição das direções estudantis, e não por falta de decisão e força das bases em enfrentar a burocracia universitária e o governo do estado.

A maioria dos cursos decidiu sair da greve. Boa parte dos estudantes aceitaram essa saída, não porque acreditem que há “vitórias”, mas porque comprovaram na prática que as direções trabalharam contra a vitória do movimento, e rejeitaram defender a pauta unitária que expressa suas reais necessidades. É possível continuar com a greve, enquanto os setores mais avançados e os cursos mais importantes e afetados pelo sucateamento e o privatismo continuam em luta, e se negam a aceitar a migalha e serem derrotados, sem dar a luta até o final.

Se aprovada a continuidade da greve, a direção do DCE deve ser impedida de dirigir a mesa da assembleia, e se deve também remover os fura-greves do comando de greve e da comissão de negociação. Se aprovada a continuidade da greve, deve-se ainda aprovar um calendário de ações de rua, visando à radicalização e projeção da greve para fora da USP. Assim é que teremos mais força para impor à reitoria/governo as reivindicações! Assim é que obrigaremos a reitoria a retomar as negociações e discutir o programa aprovado pelos estudantes, sem rebaixar a pauta, e sem romper com o votado na assembleia, como as direções do DCE e CAs - Juntos, RUA e Afronte (PSOL), UJC (PCB), Correnteza (UP) e Rebeldia (PSTU) – fizeram!

**Aprovar a continuidade da greve e sua radicalização! Retomar a democracia estudantil, estilizada pelos que só querem conciliar com a reitoria/governo! Pela eleição de um comando de greve eleito na assembleia! Continuar a greve para arrancar nossas reivindicações!**